

L e t í c i a P a l m e i r a



a obscena
necessidade
do verbo



EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
Luyse Costa

Concepção Gráfica
Dáblío Jotta

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P1720 PALMEIRA, LETÍCIA. 1976 -
A OBSCENA NECESSIDADE DO VERBO / LETÍCIA PALMEIRA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

66 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-045-9

1. NOVELA 2. FICÇÃO I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



OUTRO AVIÃO CAIU NO MAR. Não é triste? Apenas partes submergem. Penso naqueles que não terão mais por perto as pessoas que partiram. A vida não é justa. Mas também não é folgada. É tamanho único. A gente é que sai das medidas. Lucélia, não é preciso que você limpe os cristais. Você sequer me ouve. Já chegaram os produtos que pedi? Eu peço tantas coisas. E, no entanto, preciso de tão pouco. Preciso de café. Com adoçante. Eu já me habituei ao gosto artificial do adoçante. Tudo é questão de hábito. Costume. Por isso aceitamos as coisas de forma tão complacente. Sem espanto. Cinismo? Talvez seja. Um amigo, a quem eu costumava escrever cartas, certa vez me disse que eu poderia fazer de tudo nesta vida. Me pediu, porém, ajoelhado em suas palavras, que eu nunca me tornasse cínica. Eu

prometi que jamais o faria. Será que menti? Será que quebrei a promessa? Preciso de um dicionário. Aqui está. Perceba. As características não batem. Oh Deus! Eu não me tornei cínica. Talvez eu tenha me tornado fria. Que tola minha justificativa. Não estou fria. Minhas atitudes queimam mais do que o filete de fumaça que evapora da chaleira. Eu sofro pela dor dos outros como se fosse minha a dor. E sofro por ausências que nunca me foram presentes. Houve um acidente. Outra vida se partiu. Porém, isso não nos fere. O que fere, de verdade, é o trânsito parado. Quem morreu? Será mesmo importante saber? A morte fala por si. E, quando não, nos traz recados. Nunca iremos viver da forma como devemos ou como deveríamos. Seria muito responsável de nossa parte. E não somos responsáveis. Somos livres. Vejo pessoas que se esparramam demais e sinto tanto pesar por elas. Que dor estará implícita em tamanha crueldade autoinfligida? Já que você decidiu limpar os cristais, tenha cuidado com os mais detalhados. Foram caros. Não os limpe com esse pano. Use aquele, de tecido mais fino. O café não é bom. Prefiro o outro, de outra marca. Escolhas. Sempre as erradas. Ou estarão certas estas que eu nego por vício de me sentir esvaziada? Eu lhe contei que sonhei com um homem que me sorria? Ele era bonito. Longos cabelos de Cristo e lábios rosados. Um santo. Ou anjo. Ou talvez algum demônio me dando corda para meus surtos de insanidade. Eu não sei. No entanto, o sonho foi tão bom que o anotei. Um dia eu irei ler minha

anotação e, ao fazê-lo, estarei sonhando novamente. E não será o mesmo sonho. Porque não são as coisas que mudam. Sou eu. Somos nós. Pensando bem, não é preciso que limpe todos os cristais. Sequer estão sujos. Deixe que a poeira exista. Você pode parar com o que está fazendo e simplesmente me ouvir? Prometo. Será rápida a conversa que iremos travar. Mas lembre-se de não acreditar em minhas promessas. Eu quebro todas. Não explicarei o motivo, mas me ocorreu de relembrar algo. Coisa de anos. Nunca sei o tempo exato. E qual a importância em saber o tempo exato, visto que o tempo é sempre composto de memórias? Por exemplo, este momento de agora, somente será vida, quando passar de nós e se tornar uma lembrança, mesmo que remota, de nossa troca de palavras. E muito embora eu não a deixe falar tanto, nosso diálogo é verdadeiro, Lucélia. Nosso diálogo será memória. Você não entende? Não acene com a cabeça como se nada do que digo fizesse sentido. Tudo faz sentido. Até este dia de sol opaco. Irá mudar? Você acredita mesmo que o clima irá mudar? Não consigo enxergar as coisas como você as enxerga. Sempre que tento, eu me perco. Eu não gosto de me perder. Porém, admito que me deixo perdida. Eu me desprendo de mim mesma como a folha última de um período outonal. Por vezes, eu retorno. É claro e compreensível que me quebro inteira como mesa de fórmica em pequena cozinha. É árdua a tarefa de refazer o que sou. Assim como é árduo refazer o que você é. Nunca estamos

inteiras. Há muitas porções perdidas dentro de nós mesmas. Somos um assombroso aglomerado de memórias. Estou lendo um livro que fala disso, de memórias e gatilhos. Fala de coisas que há em nosso inconsciente. Você deveria ler. Talvez lhe ajude a entender alguns mistérios. Eu também acho que mistérios devam permanecer insondáveis. Concordo com você. Todavia, eu não aprendi a adestrar minha curiosidade e deixá-la salivando em dúvidas. Por essa razão, li o tal livro. Ele diz dos gatilhos que são acionados por fragmentos de lembranças. Explico. Uma lembrança, qualquer que seja, nunca surge solitária. Ela traz consigo milhares de outras lembranças, como se todas andassem juntas, como pares de coisas que nunca se separam umas das outras. Algumas são tranquilas. São como brisa para nossos pensamentos. Já outras, de tal maneira traumáticas, ferem nossa alma. Você acredita em alma, Lucélia? Eu ousou acreditar. Não há como viver sem alma. Deixe que estudiosos a denominem do que bem entendem. Inconsciente, cérebro, psique. São diversas etiquetas para algo tão simples e, ao mesmo tempo, tão ameaçador. Alma. Eu adoraria que fosse esse meu nome. Seria fácil decorar. Ninguém esqueceria. Você conhece alguém cujo nome seja Alma? Eu não conheço. Havia uma mulher que vendia joias. Eu era menina e não me alegrava sua aparência. Gostava muito de seu nome. Ava. Um gatilho de minha memória está fazendo com que me recorde de seu sorriso. Era bonito. E seu perfume tinha algo que se

assemelhava ao aroma de laranjas cortadas antes de serem espremidas em suco. Fazia lacrimejar os olhos de quem quer que se aproximasse dela. Aliás, disso não tenho certeza. Estou generalizando uma sensação que talvez tenha sido só minha. Ainda bem que sentimos as coisas de forma diferente. Do contrário, o que seria dos perfumes? Cada perfume se adapta de forma distinta aos vários tipos de pele. Lavanda em mim não é lavanda em você. É sempre outra fragrância de lavanda. Quer um exemplo? Onde está aquele perfume que usei ontem? Sim, este mesmo. Borrife um pouco em seu pulso. Exato. Agora, borrife no meu. Traga alguns grãos de café. Para que servem? O café neutraliza o odor. Pronto. Sinta o perfume em mim. O que acha? Sentiu a diferença? Não é possível, Lucélia! São aromas diferentes! Será que não percebe? Você me faz rir. Você não vê diferenças e isso faz de você uma pessoa singular. Eu gostaria muito de ser assim. Por quê? Porque eu complico as coisas. Se acaso eu sentisse o mesmo aroma em mim e em você, não me torturaria em demasia pensar nas desigualdades. Tudo seria plano. Tudo seria claro e acessível. Estes grãos me deram vontade de tomar mais café. Fumegante. Eu gosto de cafeteiras modernas. Mas nada se compara ao velho bule e o coador. Não que eu seja presa ao passado. Saudosista. É que antes havia melhor preparo em tudo. As coisas eram melhor elaboradas. Entendo, Lucélia. Respeito a modernidade. E sei que o coador não é muito higiênico. Quem me

garante que esta cafeteira e estas xícaras também não estejam infestadas de germes? Quer um cigarro? Café e cigarro. Um par de amantes. Pena a medicina moderna tê-los afastado um do outro. Gosto das cenas dos filmes antigos que mostram atores fumando em tranquilidade. Não havia culpa, nem dor ou tormento. Hoje em dia, com o avanço de tudo, fumar é ato terrorista. Certo dia, ao sair de uma loja, acendi um cigarro. Eu estava distraída, até perceber que as pessoas que passavam me olhavam como se eu portasse uma arma. Senti vergonha. Uma senhora, que também estava fumando, se aproximou de mim e de-sandou a relatar acontecimentos desagradáveis que lhe haviam ocorrido por causa de seu vício. Ela falava alto, com a voz estraçalhada de uma rouquidão entranhada. Dizia que era seu o direito de fumar e que todas as campanhas contra o fumo deram aos fumantes ares criminosos, marginalizados e doentes. Embora eu já tivesse apagado meu cigarro, concordei com a senhora. Lembro que nos apresentamos, trocamos números de telefone e, depois disso, nunca mais reencontrei a mulher. Nem mesmo me recordo onde anotei o número de seu telefone. No que esta história vai dar? Até certo ponto, Lucélia, a ignorância traz liberdade. Não saber o mal que algo lhe causa é quase como não sentir o mal. A ignorância salva pessoas de diversos martírios. Se eu concordo com o que digo? É óbvio que não. O conhecimento é o grande avanço do homem. Digo isso, mas ainda tenho minhas dúvidas se

conhecimento é realmente avanço do homem social ou se é coisa de Deus. Não estou certa se o conhecimento vem do processo de socialização ou se é algo divino, como um dom que já fora precário e que passa por modificação constante. Eu sempre acreditei em Deus. Não diga que estou mentindo. Acredito em Deus e no perdão. Só espero que as pessoas me perdoem, e com a mesma velocidade com que eu as perdo. Não que eu esteja me tornando religiosa. Estou apenas falando em perdão, em seguir em frente. Perdoar é seguir em frente. Eu não culpo ninguém. Você acha mesmo que, ao dizer isso, estou provando o quanto culpo os outros? Lucélia, não me considere perversa. Sou boa pessoa. Você sabe. Você me conhece. Já fiz muita gente sofrer. Também já fiz muita gente feliz. Talvez seja um dom. Fazer feliz e fazer triste. E saiba que acreditar em Deus é simples e complicado. Todos precisam de uma explicação para tudo. Eu não saberia explicar Deus e creio que Ele não precise de minhas alegações para que exista. É como a natureza. Veja como ela existe. Ainda que várias civilizações tenham contribuído para seu desgaste, ela permanece. E todos os dias surge algo novo. Em um livro de Biologia, por exemplo, a natureza não cabe inteira. É preciso que existam vários livros para decifrá-la. E várias outras ciências. Estão sempre estudando a natureza e, ainda assim, por ser viva e contínua em existência, não há como capturá-la. É um mistério. Assim como nossos relacionamentos. Mas é claro que são mistérios. Até os



www.editorapenalux.com.br



leticiapalmeira@gmail.com



[/leticia.palmeira](https://www.facebook.com/leticia.palmeira)